

# A CULTURA E A MEMÓRIA DA FESTA DO DIVINO DE MOGI DAS CRUZES

Ana Maria Ramalho Câmara Araújo\*

## **Resumo**

A Festa do Divino é uma das mais populares no Brasil. Neste artigo enfocamos a Festa em Mogi das Cruzes abordando aspectos da história, da cultura e das transformações.

## **Palavras-chave**

História; transformações; rituais.

## **Abstract**

*The Divine Holy Spirit Festivity is very popular in Brazil. In this article, we focus on the Festivity that takes place in the city of Mogi das Cruzes, state of São Paulo, approaching aspects of its history, culture and transformations.*

## **Key-words**

*History; transformations; rituals.*

A Festa do Divino teria chegado ao Brasil no século XVI, entretanto, nas pesquisas feitas só foram encontradas referências às comemorações a partir de 1700. Segundo Araújo,<sup>1</sup> em 1765 ilhéus lusitanos introduziram a Festa do Divino na Matriz de Santo Antônio de Além Carmo da Bahia. Na cidade de Guaratinguetá (SP), no Livro Tombo da Matriz, há referência à festa, folha n. 5, ano de 1761. Os pesquisadores Luna e da Costa encontraram registros mais antigos, datados de 1738, que comprovam a existência das comemorações na Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré em Minas Gerais.<sup>2</sup> As dificuldades em obter dados mais precisos são ocasionadas por ser essa uma festa popular, não havendo, portanto, preocupação em registrá-la como acontecia com as festas oficiais.

O prestígio dessa comemoração era tão grande que, segundo Câmara Cascudo,<sup>3</sup> “o título de Imperador do Brasil foi escolhido, em 1822, pelo ministro José Bonifácio de Andrade e Silva, porque o povo estava mais habituado com o nome de Imperador (do Divino), do que com o nome de Rei”. Entretanto, Schwarcz,<sup>4</sup> aponta outros motivos para escolha desse título, como “o fato do Brasil ter dimensões continentais, merecendo ser denominado império. Além disso, havia ainda a admiração de D. Pedro I pelo imperador francês Napoleão Bonaparte e o fato de que, se em Portugal havia rei, aqui teríamos um imperador”. A afirmação feita por Câmara Cascudo é a mais difundida e aceita, talvez por ser mais próxima da realidade do povo e de sua crença.

O culto espalhou-se pelo Brasil, modificando-se para adaptar-se à realidade brasileira e às diferenças regionais. Assim, temos formas distintas da festa relacionadas com o gênero de vida das populações, com a situação geográfica e com grupos étnicos que formam a população.

As diferenças regionais, relacionadas a fatores socioeconômicos, étnicos, à tradição e à memória coletiva fazem de cada Festa do Divino a história e a cultura de um lugarejo, de uma cidade e de um estado. Em algumas cidades, as comemorações limitam-se à missa e à quermesse, em outras busca-se manter vivas a pompa, as tradições, o colorido que faz dessa festa religiosa a mais popular, principalmente na cidade de Mogi das Cruzes.

A Festa do Divino de Mogi das Cruzes tem características próprias, pois, ao mesmo tempo que busca manter a tradição, sofre influências dos meios de comunicação, da modernidade e da própria evolução do homem. As transformações ocorridas nos rituais modificam a ordem do que se vê, mas não o sentir do povo, a sua fé e a fartura.

A comemoração acompanhou a evolução da cidade tornando-se a maior e a mais concorrida festa popular religiosa, reunindo os habitantes em um movimento integrador de solidariedade, cooperação e fé.

O registro mais antigo que se tem do culto é o encontrado no livro de gastos e receitas da Ordem Primeira do Carmo. Os dados referem-se aos gastos realizados com a compra de

cera na confecção de velas, para a missa e a Festa do Espírito Santo, no período de 1749 a 1762. A primeira notícia que se tem da Festa do Divino Espírito Santo data de 1871, quando, no dia 31 de dezembro, a Câmara Municipal proibiu os toques, cantos e folia (como viola, tambor, triângulo e pandeiro ou somente a viola) para pedir esmolas para o Divino Espírito Santo.<sup>5</sup>

A Festa do Divino Espírito Santo, em Mogi das Cruzes, obedece ao calendário litúrgico da Igreja católica, ou seja, as comemorações acontecem cinqüenta dias após a Páscoa, culminando no domingo de Pentecostes, data em que se celebra a descida do Espírito Santo.

As festividades duram dez dias e têm início na quinta-feira da Ascensão do Senhor. Nesse período, várias atividades religiosas e profanas são desenvolvidas.

As atividades religiosas constam de: novenas preparatórias em louvor ao Divino Espírito Santo realizadas todas as noites na Catedral; a missa no Cemitério São Salvador; a procissão de Pentecostes que percorre as ruas centrais da cidade e, por fim, a missa solene na Catedral de Santana.

A parte popular é extensa e sua realização acontece ao redor ou próxima à Catedral: o Império, a Alvorada, a Passeata das Bandeiras, Entrada dos Palmitos, o Levantamento do Mastro, a Quermesse e a apresentação dos Grupos de Danças. Em cada uma dessas atividades há um ritual que é repetido todos os anos, mantendo, assim, a tradição.

A festa, nos dias atuais, possui alguns elementos novos trazidos de outras comemorações, como os tapetes ornamentais que fazem parte da procissão de *Corpus Christi*, ou, então, desenvolvidos pelo festeiro e aceitos pelo povo. Nos últimos anos, surgiram o subimpério, a missa e a Alvorada no cemitério, a exposição de Arte e a fundação da Associação Pró-Festa do Divino. Assim como foram incorporados elementos novos, alguns desapareceram, como a Folia do Divino, bando precatório e as cavalhadas, restando apenas os cavaleiros do Divino.

Essas modificações acompanharam a evolução do homem, da sociedade e a economia local. Ao mesmo tempo, há uma preocupação em manter a tradição e recuperar costumes esquecidos.

Os rituais existentes na festa são muitos, e essa amplitude de ritos e símbolos permite que o sagrado e o profano se entrelacem dando sentido às comemorações. A presença da parte profana, segundo Meyer,<sup>6</sup> “É em suma, a carnavalização da Festa oficial, na acepção de Bakhtin, o que já ocorria nas Festas religiosas de antanho”. É ao ar livre, nos espaços abertos, praças públicas, que o povo explode suas emoções e a alegria e o riso surgem soltos, despreziosos, ao mesmo tempo distante e próximo da devoção. O ritual religioso pressupõe seriedade, austeridade, o fechado. Esse dualismo continua presente na Festa de Mogi.

A matriz da Festa é a reunião de vários elementos presentes na Idade Média, na cultura popular: o teatro, a folia, a comilança e o Espírito Santo. Esses elementos tão ao gosto popular, possivelmente, garantiram a permanência dessa festividade até os nossos dias. Para Zumthor,<sup>7</sup> “a memória coletiva luta contra a inércia do cotidiano, captura os fragmentos que sente significantes ou úteis, e trabalha por dinamizá-los transformando-os em elementos de tradição”. Ou seja, para a comunidade mogiana a festa representa um pouco de sua história.

A mesmice do cotidiano, a luta pela sobrevivência, fazem da festa um momento de reunião de diferenças em que, mesmo temporariamente, as relações humanas e a visão do mundo são transformadas, modificadas. Necessária à comunidade, as comemorações representam a cultura, a memória que deve ser mantida como forma lúdica de coesão grupal e a expressão coletiva dos sentidos de proteção e solidariedade.

A comunidade mogiana, ao mesmo tempo que procura manter a tradição da festa, se apropria de elementos de outras comemorações, como é o caso dos tapetes ornamentais, que são próprios da procissão de *Corpus Christi*, ou relembra velhos costumes como a missa no cemitério em homenagem aos mortos. Outro fator de transformação é o envolvimento das escolas na festa, através dos subimpérios, na confecção dos tapetes e desfilando na Entrada dos Palmitos. Além de evangelizar, essas atividades instigam a pesquisa à cultura popular, e a criança tem a oportunidade de viver, por um momento, a experiência humana em sociedade.

Nos rituais os devotos reúnem-se para expressar com liberdade a sua crença e a sua fé; entretanto, há uma regulamentação, um direcionamento por parte dos organizadores. Essa preocupação não impede que o povo se aproprie dos espaços e expresse seus sentimentos e emoções. Assim, as comemorações que eram do povo passaram a ser para o povo.

A participação nos rituais ora solenes, ora alegres mesclam gestos impulsivos e corpos bem-comportados. Corpos que têm vida própria, gestos com significado especial que vêm de dentro de cada um e explodem em energias que se espalham pelo espaço.

A festa permite que, apesar da organização, o povo faça o caminho inverso do cotidiano na busca do sagrado. É nessa festividade coletiva, de coesão grupal temporária, que cada elemento tem uma nova significação de comunicação com o sagrado. Para Bakhtin,<sup>8</sup> “a festa convertia-se na forma de que se revestia a segunda vida do povo, o qual penetrava temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância”. É essa segunda vida, diferente do cotidiano, que permite, momentaneamente, uma forma de relação entre pessoas, entre corpos livres das diferenças sociais. A festa expressa o ideal da vida humana: igualdade e solidariedade.

Esse cotidiano foi sendo transformando principalmente a partir do século XX, com os avanços tecnológicos, a globalização, o incremento das vias de comunicação e as mudanças na cidade. A festa, elemento cultural da região, passou a constituir uma alternativa econômica que atrai o turista e fomenta o comércio dos símbolos da fé: a medalha do Espírito Santo, a bandeira, lenços vermelhos e a comida-símbolo, o “afogado”.

As transformações em processo tanto na cidade quanto na religião, e também em valores éticos e morais, nos fazem prever o desaparecimento da festa nos moldes em que era feita no passado. O sentido da fartura ligada à colheita, ao campo, modernizou-se, foi urbanizado, atualmente é a sombra do desemprego que assusta, pois ele ocasiona a falta de alimentos.

Os rituais populares que fazem parte da festa persistem presos à memória coletiva dos devotos e de pessoas que desejam manter a tradição e por isso lutam para que o desenvolvimento e as mutações socioeconômicas não a transformem apenas em um ato religioso.

As transformações da cultura da Festa de Mogi das Cruzes apresentadas não esgotam o assunto, mas permitem visualizar de maneira generalizada a sua contaminação por fatores tais como a modernização e as modificações da sociedade, da economia e dos meios de comunicação.

*Recebido em abril/2004; aprovado em maio/2004*

## Notas

<sup>1</sup> Professora na Unicsul e na FCNM.

<sup>2</sup> ARAÚJO, A. M. *Festas, baúdos, mitos e lendas*. São Paulo, Melhoramentos, 1964, v. 1, p. 33.

<sup>3</sup> TINHORÃO, J. R. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo, Editora 34, 2000, p. 138.

<sup>4</sup> CASCUDO, C. *Dicionário de folclore*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1983, p. 199.

<sup>5</sup> SCHWARCZ, L. M. *O Império em procissão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001, pp. 9-10.

<sup>6</sup> GRINBERG, I. *Folclore de Mogi das Cruzes*. São Paulo, Lis, 1983, p. 51.

<sup>7</sup> MEYER, M. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo, Edusp, 1993, p. 183.

<sup>8</sup> ZUNTHOR, P. *Tradição e esquecimento*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo, Hucitec, 1997, p. 27.

<sup>9</sup> BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi. 4 ed. São Paulo, Hucitec/Universidade de Brasília, 1999, p. 8.